

DOSSIÊ

SPERDUTI NEL BUIO: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE O CINEMA ITALIANO E O CINEMA PORTUGUÊS

*Para caracterizar as relações entre o cinema italiano e o português, e correndo porventura o risco de parecermos excessivos, gostaríamos de nos servir do título do filme dramático de Nino Martoglio, *Sperduti nel buio*, considerado o precursor de todos os realismos e neorealismos cinematográficos vindouros. Assim como na película de Martoglio se alternam os encontros ocasionais e os abandonos forçados da jovem Paolina e do cego Nunzio, também as duas cinematografias nacionais se têm observado atentamente e ignorado reciprocamente, consoante as épocas. Da leitura dos artigos recolhidos no dossiê emerge a história de uma relação de admiração e atenção quase sempre unidirecionais. Por um lado temos a fruição ao longo de décadas de um certo cinema italiano que confirma, também em âmbito português, o peso da influência estética e da projeção de mercado alcançada na segunda metade do século XX pela indústria cinematográfica italiana; por outro, nota-se, justamente quando se tornava menos evidente a influência da filmografia italiana nos autores lusitanos, uma mais recente e profunda admiração – embora confinada ao meio da cinefilia militante – por realizadores como Manoel de Oliveira, Paulo Rocha ou Pedro Costa, entre outros, expoentes duma arte entendida cada vez mais como derradeiro reduto de uma cinematografia experimental que vira as costas às tentações da grande indústria audiovisual mundial. Os arti-*

gos de José-Augusto França e de Roberto Silvestri descrevem com clareza algumas rápidas mudanças epocais. O primeiro, em *O cinema italiano e eu*, brinda-nos com uma narrativa de cariz memorial, uma espécie de educação sentimental através do cinema italiano, que revela não só a enciclopédica cultura do autor, mas testemunha igualmente como o cinema italiano foi uma presença constante nos ecrãs portugueses e desempenhou um papel decisivo na formação cultural duma brilhante geração de intelectuais. Roberto Silvestri, por seu lado, fornece dados surpreendentes (hoje seria quase matematicamente impossível para a distribuição de filmes italianos ultrapassar a dos filmes vindos dos Estados Unidos, como acontecia ainda no ano de 1975), e percorre a descoberta do cinema português por parte de críticos e intelectuais italianos, um fenómeno cultural ao qual não foi alheia a paixão e a militância política dos anos imediatamente sucessivos à Revolução dos cravos. Resfriados os ardores revolucionários, permaneceria, em relação ao cinema português, uma atitude de grande atenção estética pela sua linguagem nunca banal, como confirmam os textos de dois críticos mais novos, Sul cinema portoghese: un viaggio sentimentale, de Bruno Roberti, que evoca o deslumbramento do encontro com essa filmografia, e Specchi di storia, de Simona Fina, que oferece uma panorâmica das últimas décadas do cinema de autor em Portugal. O artigo sobre Roberto Rossellini, da autoria de Fausto Cruchinho, evidencia como os intelectuais portugueses não esqueceram a lição dos clássicos italianos, embora já vão longe os tempos em que o cinema itálico predominava nas salas de Lisboa e do Porto, enquanto pela mão de Caterina Cucinotta recuámos à época do cinema mudo para conhecer uma figura quase “mítica” de um realizador italiano que actuou em Portugal: Rino Lupo intelectual e aventureiro, empresário e mestre, entre cujos alunos se conta também o mais longo dos mitos cinematográficos portugueses: Manoel de Oliveira. Acerca deste último, o artigo de Gianluigi De Rosa e Alessandra Zuliani aborda um dos seus últimos filmes, *O Quinto Império*, para pôr em luz

relevantes problemas linguísticos e tradutivos, enquanto o texto de Marcello Sacco, evocação de uma experiência pessoal (a de assistente de produção do espectáculo Mário ou eu próprio o outro), procura dar um testemunho proveitoso acerca de um Oliveira inédito que, pela segunda e derradeira vez na sua longa vida, actuava como encenador. Fecha o dossiê o artigo de Clelia Bettini sobre a experiência decenal do que é sem dúvida o acontecimento mais importante na história recente da distribuição cinematográfica italiana em Portugal (e noutros países lusófonos): a Festa do Cinema Italiano, um festival que, sem prescindir dos prazeres do evento mundano e do glamour, se tornou num momento incontornável para quem queira entender o cinema italiano contemporâneo, e ao mesmo tempo num eficaz trampolim para uma distribuição menos aleatória desse cinema em Portugal. Talvez não seja suficiente para repetir os números de 1975, mas é certamente uma forma de existência/resistência e de saudável anomalia cultural.

Gianluca Miraglia, Marcello Sacco